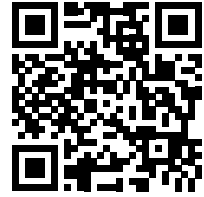


Reviravolta: momentos cruciais de nações em crise



Jared Diamond

Apresentada em 19 de novembro de 2020, na 6ª Semana de inovação: (Re)imaginar e construir futuros.



Moderador da palestra:
Diogo G. R. Costa

Resumo da palestra: Nesta palestra, Jared Diamond coloca que a COVID pode nos dar a possibilidade de aprendermos a cooperar uns com os outros, com vistas a superar tanto a crise que a pandemia traz consigo, como as já existentes crises globais, a saber: esgotamento dos recursos naturais, desigualdade social e mudança climática. O professor apresenta exemplos de como, em outros momentos históricos, a humanidade conseguiu se unir para solucionar algum problema, e que ele é um otimista cauteloso de que conseguiremos nos unir novamente.

Palavras-chave: COVID; crises globais; desigualdade social; mudança climática.



DIOGO: Bem-vindo, professor Jared Diamond. Jared Diamond é um autor best-seller de vários livros. Seu “Guns, Germs and Steel”, de 1997, é um dos livros de não ficção mais influentes do nosso tempo. O livro ganhou o Prêmio Pulitzer. Ele influenciou os pesquisadores, jornalistas, presidentes e primeiros-ministros. Seu último livro, “Upheaval, how Nations Cope with Crisis and Change”, tem uma visão semelhante e abrangente da história. Embora tenha sido publicado em 2019, parece um livro escrito para nossos tempos de pandemia. Jared estudou Fisiologia em Harvard e Cambridge e se tornou um dos maiores especialistas em vesícula biliar. Ele também é Antropólogo, Ornitólogo, Sociólogo, Biólogo Evolucionista e Historiador Ambiental, com conhecimento prático de Genética, de Arqueologia e Epidemiologia de doenças humanas, além de professor de Geografia na UCLA.

Em tempos de crise, o trabalho de Jared nos dá esperança. Ao contrário do que muitos pensam, suas obras nunca são deterministas sobre o futuro. Ao contrário, fornece-nos explicações... explicações do que aconteceu no passado, explicações que nos dão poder para mudar nosso futuro, para fazer coisas diferentes no futuro, para criar futuros possíveis.

É por isso que o Sr. Diamond não se descreve como um pessimista, mas sim, como um otimismo cauteloso. O mundo para Jared não é desesperador, embora nossa felicidade futura não esteja garantida. Teremos que trabalhar nisso, mas podemos trabalhar nisso. Jared Diamond ensina que podemos alcançar um futuro melhor, um futuro que podemos imaginar, um futuro que podemos construir, um futuro que é possível. Senhoras e senhores, Sr. Jared Diamond.



JARED: Boa tarde, boa noite. É um prazer estar aqui com vocês. Eu sou Jared Diamond. Sou estadunidense. Sou da Califórnia. Da cidade de Los Angeles. Estou sentado aqui no escritório da minha esposa em West Los Angeles, perto da minha universidade, a Universidade da Califórnia, que está fechada como a maioria das universidades americanas. No momento, o céu sobre minha casa está limpo, mas até recentemente estava cinza por causa dos incêndios florestais que assolam toda a Califórnia. Em resumo, este é o momento da revolução.

É um prazer estar aqui com vocês. Gostaria de não estar no Brasil. Tive uma visita maravilhosa ao Brasil, mas agora, por razões que vocês podem entender por causa da COVID, estou falando com vocês indiretamente a partir do escritório de minha esposa. Países, como o Brasil e os Estados Unidos e o mundo inteiro, estão agora em estado de perturbação por causa da COVID. Que futuro nos espera? Tudo isso, em meio a toda essa agitação por esperança, não há dúvida de que a COVID é uma tragédia.

Ela nos coloca em perigo iminente. Como a COVID poderia fazer com que nosso mundo mudasse para melhor? Sua primeira reação pode ser uma ideia obscena para sugerir que a COVID pode mudar o mundo para melhor quando mata pessoas. Pessoalmente, entendo isso, porque minha esposa e eu perdemos cinco dos nossos amigos mais próximos, amigos de 50 e 60 anos, nos últimos meses. Portanto, entendo a tragédia da COVID. Mas, no entanto, isso pode fazer com que nosso mundo mude para melhor. Que inovações poderíamos adotar que poderiam nos dar um mundo melhor e não um mundo pior?

Não há dúvida de que a COVID é um novo tipo de crise. É uma epidemia. Você pode dizer: “Mas já houve epidemias anteriores!” Vamos comparar a COVID com as grandes epidemias anteriores do passado. Quando você pensa em epidemia, talvez a sua primeira associação para grandes epidemias que mataram muitas pessoas é a Peste Negra da Europa na Idade Média. A Peste Negra ou peste bubônica que se espalhou da Ásia Central para a Europa, matando cerca de 1/3 da população da Europa. Mas paradoxalmente, um século depois, a Peste Negra havia trazido benefícios para a Europa ao mudar a economia do continente.

Há uma terrível epidemia antes da COVID. Uma epidemia ainda maior antes da COVID foi a que os europeus trouxeram ao Novo Mundo. Quando os europeus cruzaram o Atlântico, Cristóvão Colombo em 1492, e começaram a se espalhar pelo novo mundo, eles trouxeram consigo doenças europeias como varíola, sarampo e tuberculose. Doenças às quais os europeus tinham tido longa exposição e às quais os europeus tinham desenvolvido alguma resistência genética e alguma resistência imunológica adquirida.

Mas os nativos americanos não tinham experiência com varíola, sarampo ou tuberculose e, assim, os nativos americanos não tinham imunidade, genética ou adquirida, a essas doenças e foram mortos em grande número. Por exemplo, quando Cortez fez seu primeiro Ataque ao Império Asteca, no México – um dos dois maiores governos do Novo Mundo – ele e seus 600 espanhóis foram expulsos da capital asteca de Tenochtitlan, recuaram em direção à costa e parecia que estavam prestes a ser exterminados. Mas justamente naquela época, um navio espanhol de Cuba chegou ao México e nesse navio estava um escravo que tinha varíola. Esse escravo espalhou varíola para os índios americanos. A varíola se espalhou pelo Império Asteca, matando metade da população e o Imperador Asteca. Mas os europeus e os espanhóis, tendo sido expostos à varíola desde a infância, foram poupados e, por isso, era desmoralizante para os astecas esta doença matando-os, mas não matando os europeus.

O resultado foi que metade dos astecas morreu e Cortez, em sua segunda tentativa, conquistou o Império Asteca. Mas a varíola se espalhou do México, através da América Central, para a América do Sul, ao longo dos Andes, para o Peru e Bolívia, e para o Império Inca, matando grande parte da população deste Império e matando, inclusive, o Imperador Inca, provocando uma guerra civil entre os dois filhos dele.

Precisamente na época dessa guerra civil, outro conquistador espanhol, Pizarro, chegou à costa do Peru com 169 espanhóis. Mas graças à varíola, Pizarro encontrou um Império Inca enfraquecido, dilacerado pela guerra civil, conseguiu capturar o Imperador Inca, executando-o e depois assumiu o estado mais poderoso da América do Sul. Estes são, então, exemplos de como as doenças europeias mudaram a história. Essas doenças, varíola e sarampo, que mudaram a história, diferentes da COVID em vários aspectos, não se espalharam pelo mundo, nem a Peste Negra se espalhou pelo mundo.

Elas não eram doenças novas. Eram doenças antigas. Doenças que tinham afetado europeus e asiáticos por milhares de anos e, portanto, alguns povos já estavam expostos e parcialmente protegidos contra essas doenças. Mas os nativos americanos não estavam. Como a COVID então difere da Peste Negra, da varíola e do sarampo? Existem duas diferenças óbvias. Uma é a velocidade de propagação. A COVID está se espalhando com aviões a jato. A varíola e o sarampo se espalharam através do Atlântico com barcos de movimento lento e depois com cavalos.

A COVID se espalha com aviões a jato e assim ela se espalhou pelo mundo dentro de alguns meses de seu aparecimento na China. Portanto, a velocidade de propagação é algo novo com a COVID. Outra diferença sobre a COVID é que ninguém é imune à ela. É uma nova doença. Não há pessoas no mundo que tenham sido expostas à COVID. Ninguém tem imunidade genética a ela. Ninguém tinha imunidade e anticorpos a ela.

Ao contrário do caso da varíola e do sarampo, que chegaram ao Novo Mundo trazidos por europeus que já tinham alguma imunidade, no caso da COVID, todos os países do mundo tem o risco de contraí-la. Nenhum país é imune à COVID. Nenhum país pode resolver seu problema de COVID por si só, porque ele apenas será reinfestado. Suponha que o Brasil tenha conseguido eliminar a COVID dentro do Brasil. Será que isso protegeria o Brasil? Não, é claro que não.

Não, porque há COVID em outros países do mundo e o Brasil apenas seria reinfestado. De fato, isso aconteceu em muitos países. A Nova Zelândia, a Austrália e o Vietnã instituíram um bloqueio. Com isso, a transmissão da COVID dentro desses países parou, mas, mesmo assim, havia os aviões a jato que vinham para a Nova Zelândia e Austrália trazendo de volta os neozelandeses e australianos que estavam presos no exterior. Esses aviões a jato trouxeram a COVID de volta e esses países foram reinfestados. Da mesma forma, o Vietnã parou a transmissão da COVID em seu interior, mas as viagens internacionais que retornavam com os vietnamitas reinfestaram o país.

Isto então ilustra que nenhum país estará seguro contra a COVID até que todos os países do mundo estejam seguros contra a COVID.

Pela primeira vez na história mundial, estamos diante de uma crise global reconhecida. Uma crise que reconhecemos que está afetando a todos e, portanto, exige uma solução global. Quando digo que a COVID é a primeira crise global reconhecida, você pode objetar: “É claro que já tivemos crises globais, grandes crises globais”. Temos a crise global da mudança climática, que afeta o mundo inteiro. Temos a crise global de esgotamento de recursos, que afeta o mundo inteiro. Temos a crise global da desigualdade entre os países do mundo.

Pode-se dizer que a COVID não é a primeira crise global, mas nós não tínhamos reconhecido a mudança climática e o esgotamento dos recursos como crises globais. Muitas pessoas em todo o mundo ainda são indiferentes, desdenhosas das mudanças climáticas e do esgotamento de recursos, enquanto agora praticamente todos reconhecem a ameaça da COVID.

Não é outra coisa. Em contraste, a mudança climática não o mata dentro de dois dias. A mudança climática nos mata indiretamente, e assim as pessoas que estão morrendo dos efeitos da mudança climática não dizem que estamos morrendo da mudança climática. Dizem que estamos morrendo de tsunamis ou de fome, ou da elevação do nível do mar ou de doenças disseminadas. É por isso que então reconhecemos a COVID como um perigo, mas não reconhecemos a mudança climática como um perigo, embora seja um perigo mais sério. Na realidade, em comparação à mudança climática e ao esgotamento de recursos, a COVID é um problema menor... e estou falando sério quando digo que é um problema menor. Basta pensar que o número estimado de mortos da COVID é, em média, de cerca de 2%. Suponha que todos ao redor do mundo estejam infectados com a COVID. E suponha que 2% de todas as pessoas do mundo morrem com a COVID. A população mundial é de cerca de 7 bilhões e 700 milhões de pessoas. Se todas elas forem infectadas e 2% delas morrerem, isso significa que a COVID matará 154 milhões de pessoas.

Mas o mundo tem 7 bilhões e 700 milhões de pessoas e, mesmo que 154 milhões delas sejam mortas pela COVID, cerca de 2% da população, isso ainda deixa 7 bilhões e 546 milhões de pessoas vivas no mundo, mais do que suficiente para manter a raça humana em atividade. É por isso que eu digo que a COVID é um pequeno problema em comparação com os grandes problemas de mudança climática, esgotamento de recursos e desigualdade que afetam a todos nós. Basta pensar nas formas como a mudança climática constitui uma ameaça para todos nós.

A COVID nos mata apenas pela COVID. As mudanças climáticas nos ameaçam de muitas maneiras diferentes. Uma ameaça representada pela mudança climática é a diminuição da produção agrícola que resulta em fome. Pode-se perguntar: “Como a mudança climática reduz a produção agrícola quando envolve em média temperaturas mais quentes?”. Certamente as temperaturas mais quentes são melhores para o cultivo? Bem, temperaturas mais quentes não só são melhores para o cultivo de plantações, como também são melhores para o cultivo das ervas daninhas que competem com as plantações.

Além disso, a mudança climática envolve o tempo, de modo que o efeito direto da mudança climática é diminuir a produção de alimentos, ao invés de aumentar a produção de alimentos, e causar a fome, o lento desenvolvimento da fome. Essa é uma consequência da mudança climática. Outra consequência da mudança climática que afeta potencialmente tantas pessoas ao redor do mundo é uma elevação do nível do mar, devido ao derretimento das calotas polares árticas e antárticas e da calota polar da Groenlândia, e o derretimento das geleiras, resultando em uma elevação do nível do mar.

Mas há muitas partes do mundo que estão muito baixas, pouco acima do nível do mar. Apenas um ou dois metros acima do nível do mar. Estas abrangem a costa leste dos Estados Unidos, como a Flórida. As áreas próximas ao nível do mar abrangem o país asiático de Bangladesh, do qual algo como 1/4 está ligeiramente acima do nível do mar. Recentemente, você deve ter lido que tem havido inundações em Bangladesh. Tem havido chuvas fortes mas, como Bangladesh, 1/4 de Bangladesh, está apenas um ou dois metros acima do nível do mar, um quarto do país foi inundado, como resultado da mudança climática. A costa leste da China é de linha baixa e, portanto, a água salgada que penetra nos aquíferos de água doce da China oriental está salgando esses aquíferos e privando o povo chinês de muito de seu suprimento de água doce. Portanto, essas são formas pelas quais a mudança climática, não apenas através da fome, mas também pela elevação do nível do mar, está nos ameaçando.

Outra forma pela qual a mudança climática nos ameaça é causando eventos climáticos severos: furacões, ciclones, ondas de calor, secas, tempestades... se você leu o jornal hoje e nos últimos dias pode ter visto que um segundo furacão atingiu a América Central e talvez tenha visto as fotos no jornal mostrando inundações generalizadas na América Central. Isso é uma consequência da mudança climática. O aumento da frequência de furacões, ciclones, enchentes e secas.

Outra consequência da mudança climática que nos afeta é a propagação de doenças porque os climas tropicais, mais quentes, estão se espalhando pelas zonas temperadas. Isso significa que as doenças também estão se espalhando para as zonas temperadas, graças à mudança climática. Por exemplo, há uma febre no leste tropical da África, em Uganda, chamada febre chikungunya. Até recentemente, a febre chikungunya era uma doença tropical confinada ao leste da África. Mas agora, a febre de chikungunya se espalhou para a Itália e infectou os italianos, e de fato, os europeus. Por quê? Porque a Europa está ficando mais quente e a febre de chikungunya e seus vetores são capazes de se espalhar para a Europa. Ainda há outra forma pela qual a mudança climática nos afeta e, em alguns casos, nos mata: a mudança climática está acidificando os oceanos, liberando dióxido de carbono nos oceanos, tornando os oceanos mais ácidos e destruindo os recifes de coral.

Mas os recifes de coral são barreiras que protegem as costas tropicais contra tsunamis. No passado, quando houve alguns tsunamis, muitas vezes áreas da costa com recifes de coral ficaram protegidas contra os tsunamis. Mas agora, como os recifes de coral estão sendo danificados pela mudança climática, pela acidificação do oceano, os tsunamis são capazes de varrer o interior. Há cerca de doze anos, houve um tsunami que atingiu a Indonésia e matou 200 mil indonésios, porque a barreira de recifes de coral havia sido danificada.

Os indonésios não disseram que 200.000 de nós foram mortos pelas mudanças climáticas. Ao invés disso, os indonésios disseram que 200.000 de nós foram mortos por um tsunami. Mas a razão pela qual esse tsunami matou indonésios, enquanto no passado não teria, foi a mudança climática destruindo os recifes de coral. Estes são exemplos de como a mudança climática está potencialmente arruinando a todos nós. A COVID, no máximo, matará 2% de nós. A mudança climática está ameaçando a todos nós de muitas maneiras diferentes.

Mas a mudança climática não é a única grande ameaça global que está colocando o mundo em perigo. Outra grande ameaça é o esgotamento dos recursos. A exaustão dos recursos dos quais nós, humanos, dependemos. Dependemos de recursos biológicos que são os chamados recursos renováveis, recursos que se renovam a si mesmos. Árvores que crescem e produzem novas árvores. Pescar, reproduzir e produzir novos peixes. Estes são recursos renováveis e enquanto nós, humanos, estivermos capturando peixes e cortando árvores em taxas mais lentas do que as taxas com as quais novas árvores crescem e as taxas com as quais novos peixes, novos crustáceos e novos moluscos se reproduzem, estes têm sido recursos sustentáveis que podem continuar para sempre. Mas agora, temos coletado peixes e cortado árvores, colhendo moluscos e crustáceos, mais rápido que estas árvores, peixes, moluscos e crustáceos podem se reproduzir.

Portanto, a pesca mundial está se esgotando. Muitas pescarias, como por exemplo, a pesca do peixe espada do Atlântico, já foram levadas, essencialmente, à extinção. Da mesma forma, florestas ao redor do mundo estão sendo cortadas mais rapidamente do que crescem. Mas nós dependemos de frutos do mar e florestas. Dependemos de frutos do mar para obter proteínas – algo como 1/3 a 1/2 da população mundial obtém suas proteínas do mar e dos rios, de crustáceos, de peixe e de moluscos. Isso significa que o fornecimento de proteínas de 1/3 das pessoas do mundo está ameaçado. Da mesma forma, as florestas do mundo nos fornecem material de construção, e eles nos fornecem papel.

Na América do Sul, na bacia amazônica, na bacia do Congo, na Indonésia e no sudeste asiático, mesmo na Sibéria, as florestas do mundo estão se esgotando, o que significa que nosso material de construção e nosso papel estão se esgotando. Outro recurso renovável que está sendo esgotado é o solo superficial, a terra.

Você poderia dizer como, na Terra, o solo pode se esgotar? A agricultura que remove a cobertura expõe o solo e, após as colheitas, o solo pode ser arrancado pela erosão e. Assim, o mundo está perdendo a camada superficial do solo. Alguns anos atrás, visitei o estado americano de Iowa. Iowa, nos Estados Unidos, é famosa por cultivar muito milho. Meu anfitrião de Iowa me pegou em um aeroporto, me levou a uma das universidades e enquanto dirigíamos, passamos por uma igreja e foi impressionante.

Esta igreja ficava a 10 metros de altura e ao redor da igreja, o terreno ficava 10 metros mais baixo. Por quê? A razão é que a igreja está cercada por um cemitério e as pessoas não cultivam milho nos cemitérios. Assim o cemitério, durante o último século e meio, ao redor desta igreja, não esteve sujeito à erosão, mas todo o terreno ao redor do cemitério e da igreja que tem sido cultivado, está sujeito à erosão.

No último século e meio, foram varridos 10 metros de solo superficial dos Estados Unidos, da área agrícola mais rica do mundo, para o oceano. Ainda há outro recurso renovável, a água doce. Você pode dizer que água doce não é um recurso renovável. Sim, há água doce na Amazônia, mas se esgotássemos nossa água doce ou potável, sempre poderíamos fazer mais água doce apenas dessalinizando a água salgada. Podemos fazer água doce a partir do oceano. Bem, sim, podemos, mas isso requer energia. Isso requer combustíveis fósseis. Mas nossos combustíveis fósseis estão em quantidades limitadas. A queima de combustíveis fósseis é o que causa a mudança climática. Não queremos ser forçados a fazer água doce dessalinizando a água salgada. Em vez disso, queremos obter água doce de rios e lagos renováveis. Mas já há algo como 85% da água doce em todo o mundo, 85% dos rios e lagos do mundo são explorados, e os únicos rios e lagos que não são explorados, estão em partes remotas do mundo, como a Islândia ou o noroeste da Austrália ou o norte da Sibéria.

A maior parte da água doce do mundo já está sendo explorada. Esta é, então, uma segunda ameaça global. Ameaça mais grave do que a própria COVID: a ameaça de esgotamento dos recursos que se segue à ameaça da mudança climática.

Ainda assim, uma terceira ameaça ao mundo é uma ameaça global, muito mais grave do que a COVID, que compete com a mudança climática e o esgotamento dos recursos. E é grave: é a ameaça da desigualdade. Desigualdade em todo o mundo. Há países ricos e países pobres. Dentro da América do Sul, por exemplo, a Bolívia é um país relativamente pobre. Uruguai, Chile e Argentina são países relativamente ricos, e o Brasil também é um país relativamente rico. Mas mesmo dentro do Brasil, há desigualdade; o sul do Brasil, ao redor de São Paulo e o Rio são mais ricos do que o norte do Brasil. Até 60 anos atrás, havia desigualdade em todo o mundo, mas não era uma ameaça aos países ricos porque não havia imigração em massa e porque as pessoas nos países pobres não tinham televisão, não tinham celulares, não sabiam qual era a situação nos países ricos. Mas agora, os telefones celulares e a televisão estão difundidos, portanto, as pessoas nos países pobres sabem sobre os melhores padrões de vida disponíveis nos países ricos.

Graças aos aviões a jato e aos navios rápidos, as pessoas nos países pobres não querem esperar que o governo de seu país pobre torne seu país rico. Elas querem se tornar ricas agora e terem um bom padrão de vida disponível para seus filhos. Portanto, imigram para os países ricos, imigram para a Europa, imigram para a América do Norte, imigram para a Austrália, imigram para as partes mais ricas do mundo. A desigualdade, portanto, juntamente com a mudança climática e o esgotamento dos recursos, são as três ameaças graves ao mundo.

A mudança climática é um perigo que nenhum país pode resolver por si só. Suponha que, no Brasil, a mudança climática seja devida à queima de combustíveis fósseis e à produção de dióxido de carbono. Vamos resolver nosso problema de mudança climática no Brasil queimando menos combustível fóssil e isso significará menos dióxido de carbono na atmosfera sobre o Brasil. Mas queimar menos combustível fóssil no Brasil, não protegerá o Brasil porque a atmosfera sobre o Brasil está misturada com a atmosfera em todo o mundo.

O Brasil está reduzindo sua produção de dióxido de carbono e a tentativa de reduzir o dióxido de carbono na atmosfera sobre o Brasil não poupará o Brasil porque a atmosfera do mundo está misturada. Isso ilustra, então, que a mudança climática é um problema global, e nem o Brasil, nem nenhum outro país pode, por seus próprios esforços, se proteger contra a mudança climática. Ao invés disso, a mudança climática é um problema global que requer uma solução global. Assim como a COVID é um problema global que requer uma solução global. Assim como o Brasil não pode reduzir o dióxido de carbono sobre o Brasil para sempre, o Brasil não pode reduzir a COVID dentro do Brasil para sempre porque, assim como a atmosfera mistura dióxido de carbono, da mesma forma os aviões a jato misturam as pessoas do mundo. O Brasil ou qualquer outro país que resolvesse seu próprio problema de COVID ainda estaria em risco do resto do mundo. Isto ilustra, portanto, que grandes problemas no mundo de hoje são problemas que requerem colaboração mundial.

A COVID só poderia ser resolvida através de esforços de colaboração entre as pessoas ao redor do mundo. A mudança climática, o esgotamento dos recursos e a desigualdade só podem ser resolvidos através de esforços de colaboração entre as pessoas de todo o mundo. Mas você pode contestar. Certamente as pessoas do mundo não vão colaborar para resolver o problema da COVID ou da mudança climática. Os povos do mundo competem uns com os outros.

A China compete com os Estados Unidos, a China e os Estados Unidos competem com a Europa. O Brasil compete com a Austrália. Dentro da América Latina, o Brasil compete com a Argentina. Países do mundo competem uns com os outros. Eles estão competindo até mesmo por uma máscara facial. Quando a COVID começou a se expandir pelo mundo, em janeiro e fevereiro, não havia máscaras suficientes para proteger todas as pessoas do mundo, e assim houve competição por máscaras faciais. A China produziu excesso de máscaras, e quando a China as enviou para a Europa, houve uma disputa, houve competição por essas máscaras faciais. Os franceses, suecos, italianos, israelenses e russos estavam todos competindo por essas mesmas máscaras chinesas. Você poderia se opor. Se há vacinas que se tornam disponíveis para a COVID - e na última semana ou duas últimas semanas ouvimos falar de duas novas vacinas promissoras desenvolvidas contra a COVID - você pode pensar que os países vão competir pelas vacinas.

Se os Estados Unidos tiverem sucesso na fabricação das duas promissoras vacinas, ou se a China fabricar sua vacina, ou a Rússia fabricar sua vacina, ou se a Alemanha fabricar sua vacina... Você pode pensar que os países do mundo não vão ser generosos e compartilhar vacinas entre si. Eles vão competir e por isso, aqui está o Jared Diamond dizendo: “Temos que inovar. O mundo tem que adotar a colaboração”.

Você pode dizer que o mundo não vai colaborar. Já vimos que os países competem entre si. Bem, eu responderia que o mundo vai colaborar. O mundo vai ter que colaborar porque não há alternativa. Cada país do mundo vai descobrir que não pode resolver seu problema de COVID, nem seu problema de mudança climática, a menos que colabore com outros países. Você pode pensar na COVID como uma professora, Professora COVID. A COVID nos ensina que, por mais que tenhamos resistido à colaboração no passado, hoje ela é essencial. Não temos alternativa, exceto colaborar, porque se não colaborarmos na luta contra a COVID, todos nós seremos arruinados por ela e, nesse aspecto, a COVID é uma professora. Por essa razão, comecei minha palestra hoje dizendo que a COVID é uma tragédia, matou alguns de meus melhores amigos. Provavelmente todos vocês aqui conhecem pessoas que morreram de COVID.

Mas comecei dizendo que, paradoxalmente, esta tragédia pode trazer benefícios para o mundo. Que benefícios essa doença assassina poderia trazer para o mundo? Bem, o que a COVID pode fazer é finalmente inspirar o mundo a cooperar para a solução de um problema global. O problema global da COVID. Mas suponha que aprendamos com a COVID e que os países do mundo colaborem para a solução do problema da COVID. Teremos então aprendido, pela primeira vez, como abordar um problema global que requer uma solução global. O problema global da COVID e talvez, portanto, a COVID, servirá de exemplo para inspirar o mundo a inovar. Inovar na solução não só do problema global da COVID, mas também do problema global da mudança climática, do problema global do esgotamento de recursos e do problema global da desigualdade. Não é que a mudança climática exija que inventemos algo novo.

Nós já sabemos o que está causando a mudança climática. A mudança climática é causada pela queima de combustíveis fósseis. Sabemos o que temos que fazer para deter a mudança climática. Temos que queimar menos combustíveis fósseis. Podemos fazer isso de duas maneiras. Uma é reduzir nosso consumo de combustível.

Países do mundo inteiro, particularmente países ricos, como Estados Unidos, Europa e Japão, e os países ricos da América do Sul, como Argentina, Brasil, Uruguai e Chile, estão queimando mais combustíveis fósseis do que nossos países pobres. Os Estados Unidos esbanjam na queima de combustíveis fósseis. O americano médio queima duas vezes mais combustível fóssil do que o europeu médio. Temos grandes carros que consomem muito combustível. Seria relativamente fácil para os Estados Unidos reduzir seu consumo de combustível fóssil em 50% só imitando a Europa.

Uma maneira que já sabemos que poderia resolver nosso problema de combustível fóssil seria sermos mais eficientes em nosso consumo de energia. Mas outra maneira que sabemos que resolveria nosso problema de mudança climática seria mudando para fontes renováveis de energia. Existem outras fontes de energia além dos combustíveis fósseis.

Tem havido muito desenvolvimento dessas fontes alternativas de energia nos últimos anos e na última década ou duas. Mais e mais países estão obtendo mais de sua energia não apenas dos combustíveis fósseis, mas da energia eólica, da energia hidrelétrica e da energia solar. E houve esforços para desenvolver também a energia maremotriz, a energia que pode ser obtida aproveitando as marés. A Islândia já obtém essencialmente toda sua energia a partir da energia hidrelétrica. A Dinamarca recebe 20% de sua energia através de moinhos de vento. A Alemanha e a Espanha obtêm grande parte de sua energia através de moinhos de vento.

Aqui na Califórnia, eu vivo em uma parte ensolarada do mundo, a apenas algumas dezenas de quilômetros do deserto. Nos desertos da Califórnia, instalações solares estão se espalhando para obter cada vez mais de nossa energia a partir de recursos renováveis, a partir da energia solar. Não há segredo sobre como resolver nosso problema de mudança climática. Não temos que inovar com novas tecnologias. Já temos a tecnologia para resolver o problema da mudança climática. Onde precisamos inovar é no desenvolvimento da vontade política de adotar as soluções para a mudança climática que já conhecemos. Em resumo, nós sabemos como resolver, em princípio, o grande problema do mundo com a mudança climática.

Estamos desenvolvendo soluções para a COVID através de vacinas. Temos é que inovar desenvolvendo uma atitude global de compartilhar, ao invés da atitude global de competição, que tem sido tão difundida. Você pode contestar. As pessoas do mundo vêm competindo entre si há tanto tempo.

Há tanto tempo que fazem guerra umas contra as outras... Será que as pessoas realmente cooperarão umas com as outras? Sim, eu diria que cooperarão umas com as outras porque não há alternativa, se quisermos ter um mundo sustentável. E eu terminaria dizendo que a COVID, a tragédia da COVID, traz esperança com ela. A COVID nos abre a possibilidade de criar esperança para um mundo melhor. Na verdade, uma vez resolvido o problema da COVID, teremos aprendido que podemos encontrar uma solução global para o problema global da COVID, e então adotaremos uma solução global para os graves problemas mundiais, para o problema global da mudança climática, o problema global do esgotamento de recursos e o problema global da desigualdade.

É por isso que, em meio à tragédia da COVID, estou cautelosamente otimista de que temos pelo menos a possibilidade de criar esperança para um mundo melhor. Obrigado.



DIOGO: Muito obrigado, professor Diamond. Esta conversa foi muito inspiradora, muito estimulante. Temos muitas perguntas da platéia, mas quero começar com uma das minhas. Em seu livro “Armas, germes e aço”, você escolheu 3 palavras para o título, no qual faz este relato arrebatador de nosso passado. Se você escrevesse um livro sobre o futuro, o futuro a longo prazo, quais 3 palavras você escolheria?



JARED: Essa é uma boa pergunta, e especialmente uma pergunta apropriada para mim como autor. É verdade que meu livro “Guns, germs, and steel”... O título eram essas três palavras: armas, germes e aço. E foi minha esposa Marie, em cujo escritório eu estou sentado, que pensou no título. Quais seriam as três palavras do título do meu próximo livro? O título seria “Sustentável, sustentável, sustentável”. Com isso, eu quero dizer que o mundo tem que chegar a uma causa sustentável. O mundo está agora em um rumo insustentável. Estamos consumindo recursos mais rapidamente do que esses recursos estão se renovando, e por isso precisamos de um mundo sustentável. Mas se você quiser um título de três palavras, meu título de três palavras será “sustentável, sustentável, sustentável”.



DIOGO: Excelente. Perguntas do público. Nosso sistema global de governança está à altura do desafio de enfrentar questões complexas, como a mudança climática e a desigualdade? E, se não for o caso, como poderia ser alcançado um nível adequado de cooperação internacional? Você está otimista quanto a isso, mas como conseguir?



JARED: Nosso sistema global de governo está à altura da tarefa de resolver nossos principais problemas hoje? Sim, porque nosso sistema global de governo já tem um histórico de sucesso. Pense nos grandes problemas que afetam o mundo inteiro e que nosso sistema global de governo já resolveu. O mundo conseguiu eliminar a varíola – a doença mais mortal da história da humanidade. A Organização Mundial da Saúde organizou campanhas para eliminar a varíola em todo o mundo, e isso foi difícil porque o último país que teve varíola foi a Somália.

Não é fácil curar problemas de saúde na Somália... mas a campanha mundial para eliminar a varíola que teve sucesso no último caso, foi na Somália. Esta é uma campanha que foi bem sucedida. Uma das piores doenças do gado no mundo, a peste bovina, teve a cooperação entre Europa, Ásia e África para sua eliminação. Para os danos à camada de ozônio causados pelos clorofluorcarbonos, o mundo colaborou para tirar os clorofluorcarbonos da produção e da atmosfera.

O mundo já eliminou os clorofluorcarbonos, o mundo já chegou a um acordo para eliminar as zonas econômicas costeiras. Isso foi difícil porque os países vizinhos têm zonas econômicas que se sobrepõem, mas o mundo conseguiu delinear a zona econômica costeira e o mundo também conseguiu alcançar uma estrutura para gerenciar os oceanos abertos que eventualmente tornará possível a mineração em alto mar para uma estrutura mundial. Minha resposta à sua pergunta é que o mundo já resolveu problemas difíceis como a camada de ozônio, a varíola e a peste bovina. Portanto, mais uma vez, estou cautelosamente otimista de que o mundo, tendo resolvido estes difíceis problemas, também pode resolver outros problemas difíceis da COVID, da mudança climática, do esgotamento dos recursos e da desigualdade.



DIOGO: E quão otimista você está sobre os futuros desenvolvimentos tecnológicos? Sabemos que a tecnologia pode ser vista como um caminho para um futuro menos sustentável, mas também para um futuro mais sustentável. Existem empresas como a Tesla, que tentam fazer um transporte sustentável, por exemplo. Você se vê como um tecnologista otimista ou pessimista?



JARED: Sou um tecnologista neutro. Com isso, quero dizer que a tecnologia é moralmente neutra. A tecnologia pode fazer o bem e a tecnologia pode fazer o mal. A tecnologia tem nos trazido curas para muitas doenças. Trouxe-nos vacinas. A tecnologia de testes também nos trouxe a bomba atômica, nos trouxe cianeto e nos trouxe os fornos de Auschwitz. A tecnologia pode fazer o bem ou o mal. Hoje, a tecnologia está fazendo tanto o bem quanto o mal. A queima de combustível fóssil é a causa da mudança climática, mas a tecnologia também está desenvolvendo novos métodos para a produção de energia.

Por exemplo, os moinhos de vento na época da crise do petróleo do Golfo. Há cerca de 40 anos, nos Estados Unidos, lembro-me, os postos de gasolina americanos ficaram sem gasolina. Assim o governo dos Estados Unidos embarcou em um programa de apoio ao desenvolvimento de moinhos de vento. O governo americano investiu muito dinheiro no desenvolvimento de moinhos de vento... nós desenvolvemos aerogeradores realmente excelentes. O governo dos EUA, então, perdeu o interesse em moinhos de vento, mas esses excelentes moinhos americanos são agora os moinhos que estão produzindo 20% da energia da Dinamarca, Espanha e Alemanha. Há uma maneira. Há um exemplo de tecnologia que nos ajuda, mas a tecnologia também pode nos prejudicar e, portanto, o desafio que enfrentamos é tirar os benefícios da tecnologia e, ao mesmo tempo, evitar que a tecnologia nos prejudique.



DIOGO: Outra pergunta: onde você está agora mesmo em relação aos efeitos das ideias versus o meio ambiente no desenvolvimento humano? Seus livros colocam muito peso nos fatores ambientais, mas você escreve como alguém que acredita no poder das ideias para mudar as mentes e mudar o futuro das civilizações. Como você coloca seu trabalho em relação a pessoas que são defensoras do poder das ideias, como John McCluskey ou David Dodge, que preferem usar as ideias mais do que as diferenças ambientais para explicar por que as civilizações tiveram trajetórias diferentes?



JARED: A razão de eu estar sorrindo em resposta à sua pergunta é que os Estados Unidos tiveram uma eleição na semana passada e a eleição foi um confronto de ideias. Diferentes americanos têm diferentes ideias, e embora eu tenha escrito sobre o papel da geografia e o papel do meio ambiente, eu seria a última pessoa a negar a importância das ideias. Tanto as ideias quanto o meio ambiente são importantes. Deixe-me fazer uma comparação. Suponha que um casal recém-casado venha até você e lhe pergunte o que é mais importante para um casamento feliz. Concordância sobre sexo ou concordância sobre dinheiro? Quando um casal recém-casado lhe faz essa pergunta, você sabe que eles vão se divorciar dentro de um ano porque estão sendo tão idiotas.

Tanto sexo, dinheiro, religião, política, filhos, como sogros são importantes para um casamento feliz e, da mesma forma, para entender a história. As ideias são importantes para entender a história, o ambiente é importante para entender a história. No Brasil, você sabe que tem um ambiente muito diferente no norte do Brasil do ambiente no sul do Brasil, e por isso o ambiente é importante dentro do Brasil. Basta pensar em países dentro de um mesmo ambiente, diferentes ideias tiveram consequências diferentes.

A Alemanha é um país, um ambiente, que foi dividido em 1945 pela linha entre o Leste e o Oeste. Os alemães orientais e ocidentais tinham ideias diferentes sobre como governar seu país, com o resultado de que a Alemanha Ocidental se tornou rica e a Alemanha Oriental permaneceu pobre. Ou a Coreia do Norte e do Sul: os norte e sul-coreanos têm ideias muito diferentes sobre como organizar seu sistema de governo. A Coreia do Norte e a Coreia do Sul estão no mesmo ambiente e, ainda assim, essas ideias diferentes significam que a Coreia do Sul é um dos países mais ricos do mundo, e a Coreia do Norte é um dos países mais pobres do mundo.

Isto ilustra, então, que tanto as ideias quanto o meio ambiente são importantes. Assim como tanto o sexo, quanto o dinheiro, são importantes para a realização de um casamento feliz.



DIOGO: Muito boa a sua resposta. Outra pergunta do público: que competências são essenciais para os atuais governos serem capazes de lidar com os grandes desafios contemporâneos?



JARED: Para os governos lidarem com os grandes desafios contemporâneos... Quando penso no que infelizmente falta a tantos governos, e no que eles precisam para superar os grandes desafios contemporâneos, dois dos importantes... e estas são coisas que escrevi em meus livros, no recente livro “Reviravolta”: quais são as coisas que as pessoas precisam para superar as crises e uma das coisas que os governos precisam para superar as crises.

Assim como mencionei que há uma dúzia de fatores de que se precisa para ter um casamento feliz... Em meu livro “Reviravolta”, também discuti a dúzia de fatores que uma pessoa precisa para resolver uma crise pessoal e a dúzia de fatores que o país precisa para resolver uma crise nacional. Em uma crise pessoal, se seu casamento se desfez, ou se você foi demitido de seu emprego, ou se um parente querido morreu e você tem que descobrir como conduzir melhor sua vida, você sabe que uma coisa essencial é a honestidade. Se você não for honesto sobre si mesmo, e se não for honesto sobre o mundo, você não vai resolver seus problemas pessoais e não vai resolver os problemas do mundo.

Há governos que são espantosamente desonestos, e há governos que são honestos, e há governos que começaram desonestamente e se tornaram honestos. Por exemplo, a China, em dezembro, quando a COVID surgiu, o governo chinês, no início, negou a COVID. Isso é desonestidade. Quando as pessoas começaram a morrer na China, em janeiro, o governo chinês se tornou honesto e reconheceu a COVID. Portanto, a honestidade é importante. Outra coisa que é essencial para que os países resolvam seus problemas é fazer compromissos e conversar uns com os outros, chegando a acordos em todos os países. No Brasil, pessoas diferentes têm ideias diferentes. Nos Estados Unidos, pessoas diferentes têm ideias diferentes. Em nossas recentes eleições, descobrimos que 49% dos americanos têm ideias diferentes das dos outros 51% dos americanos.

Temos dois grandes partidos políticos, o Partido Republicano e o Partido Democrata, e infelizmente, na última década ou duas, tem havido cada vez menos comprometimento dentro dos Estados Unidos. Menos comprometimento entre nossos partidos políticos e também menos comprometimento dentro de nossos partidos políticos. Houve polarização dentro do Partido Republicano e polarização dentro do Partido Democrata.

Igualmente essencial para resolver os problemas dos Estados Unidos e da China, em todos os países, é o comprometimento. E tenho certeza de que você também pode pensar em exemplos dentro do Brasil, onde os brasileiros têm ideias diferentes. Mas é necessário o comprometimento entre brasileiros com ideias diferentes para resolver os problemas do Brasil.



DIOGO: Muito bom. Voltando à tecnologia. Grande parte da tecnologia utilizada pelas pessoas para cultivar com eficiência ou para uma fabricação mais sustentável está disponível gratuitamente. Não deveríamos esperar que houvesse mais importação dessas ideias tecnológicas para diferentes países? Em caso afirmativo, por que há tão poucas?



JARED: Isso é um paradoxo, ou parece ser o paradoxo. Sim, a tecnologia está disponível em todo o mundo. Você e eu estamos, agora, conversando um com o outro. Estamos a 10.000 quilômetros de distância. Mas estamos conversando um com o outro graças à tecnologia e a tecnologia que permite que você e eu conversemos um com o outro também está disponível em Bangladesh e está disponível na Bolívia e está disponível na Somália. Por que a tecnologia não está ajudando a Bolívia, assim como o Brasil, a enriquecer? Você conhece as diferenças entre a Bolívia e o Brasil. A Bolívia e o Brasil têm ambientes diferentes.

Muitas partes do Brasil são um bom ambiente para o cultivo de soja e para a criação de gado. Grande parte da Bolívia não é um bom ambiente para o cultivo da soja e para o gado, e por isso o Brasil tem mais sucesso no crescimento e na exportação de gado e soja do que a Bolívia. Há também diferentes níveis de educação. O Brasil tem um sistema de educação superior muito mais desenvolvido do que a Bolívia. Há também diferenças na riqueza, diferenças na tecnologia existente. O Brasil é um país mais rico do que a Bolívia. A Bolívia é, creio eu, o país mais pobre da América do Sul. O país com a menor renda média per capita e, portanto, sim, é verdade que os celulares estão disponíveis tanto no Brasil quanto na Bolívia, e os computadores e a tecnologia Zoom estão disponíveis tanto no Brasil quanto na Bolívia.

Mas como o Brasil é mais rico que a Bolívia, uma porcentagem maior de brasileiros têm acesso a telefones celulares e a computadores e à tecnologia Zoom do que os bolivianos. Em resumo, sim, a tecnologia em teoria está disponível para se espalhar por todo o mundo, mas pelo fato de que países diferentes têm ambientes diferentes, e de que países diferentes têm tecnologias diferentes existentes, e porque países diferentes têm níveis educacionais diferentes, a mesma tecnologia não está igualmente disponível em todo o mundo. Não está igualmente disponível para o Brasil e para a Bolívia, e não está igualmente disponível para os Estados Unidos e para a Coreia do Norte.



DIOGO: Jared, você é um mestre contador de histórias. Mas há algumas histórias que são mais difíceis de contar do que outras.

Histórias nas quais você tem grandes pessoas, geralmente grandes homens, são mais fáceis de contar do que histórias que vêm da sociedade civil, de ordens emergentes. Quais são as histórias deles que deveríamos fazer um esforço maior para poder contar?



JARED: Essa é uma boa pergunta. Uma grande pergunta. Quais são as histórias que deveríamos estar fazendo mais esforço para contar? Há tantas histórias, mas eu começaria por todas as histórias da História. Podemos aprender com a História. Tudo já foi experimentado na História. Os governos tentaram de tudo. Algumas coisas funcionaram bem e algumas coisas funcionaram mal. Podemos aprender com a História. A História é uma série de lições que foram levadas a cabo. Assim como as biografias... podemos aprender com as biografias das pessoas. Algumas pessoas fizeram coisas pequenas, outras fizeram coisas idiotas... nós podemos aprender com as biografias das pessoas. Da mesma forma, podemos aprender com as biografias de países, podemos aprender com a História e, portanto, quando você me pergunta que histórias o mundo deve contar, há muitas histórias, mas talvez na primeira linha, viriam as histórias da História: as coisas que os países fizeram bem no passado e as coisas que os países fizeram mal no passado, para que possamos repetir as coisas boas e possamos evitar repetir as coisas ruins.



DIOGO: Até que ponto você está confiante sobre os países ao redor do mundo estarem realmente aprendendo lições da atual pandemia? Você acha que temos o risco de realmente não aprender as lições da Professora COVID, como você a chamou?



JARED: É claro que corremos o risco de não aprender com a professora COVID. Temos a possibilidade de aprender com a professora COVID, assim como quando ensino meus alunos de graduação na Universidade da Califórnia. Alguns de meus alunos aprendem com o que eu falo e se dão bem nos exames, e alguns de meus alunos não aprendem com o que eu falo e não se dão bem nos exames. Como posso avaliar as chances de que o mundo aprenda e domine a COVID? Eu sou um otimista cauteloso.

Não sou um pessimista, mas digo que sou um otimista cauteloso. Com isso, não estou dizendo que o problema da COVID é um problema simples, e que é claro que vamos resolver o problema com a COVID. Eu reconheço que é um problema difícil, mas é um problema que nós mesmos causamos. Por termos causado o problema, temos o potencial de resolver o problema. Se você me pedir para citar as probabilidades, eu estimaria como de 51% de resolvermos a COVID, a mudança climática e o esgotamento de recursos, e eu classifico as probabilidades como de apenas 49% de não resolvermos a COVID, a mudança climática e o esgotamento de recursos. Eu sou um otimista cauteloso. Basicamente, eu sou um otimista cauteloso porque nós, humanos, estamos causando nossos problemas.

Não é que os problemas do mundo se devam a um asteroide no espaço sideral que se dirige a nós, como o asteroide que exterminou os dinossauros, um asteroide que é imparável. Em vez disso, nossos problemas são paráveis. Estamos causando-os, e porque os estamos causando, podemos optar por deixar de causá-los. Será que escolheremos parar de causá-los? Eu avalio a chance em 51% de que sim, que escolheremos parar de causá-los.



DIOGO: Professor, acho que o senhor nos tornou mais cautelosos, mas também mais otimistas. Muito obrigado pelo seu tempo, por estar aqui conosco hoje, e espero que da próxima vez você possa estar aqui pessoalmente. Agradecemos por seu tempo e esperamos ter aprendido com a professora COVID, mas também que o mundo aprenda com o professor Jared Diamond. Muito obrigado.



JARED: Obrigado.

